

Do fascínio da tradução

Entrevista com a tradutora Adriana Carina Camacho Álvarez

Angélica Karim Garcia Simão¹

Adriana Carina Camacho Álvarez é tradutora nas áreas de ciências sociais, filosofia, literatura e medicina alternativa, além de atuar como tradutora-intérprete *freelancer* e realizar trabalhos na área de legendagem. Graduada pela Universidade da República (Montevidéu-Uruguai), Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Tradução – Língua Espanhola (Universidade Gama Filho), Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas (UFRGS). Atualmente, é professora de língua espanhola na Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Convidada para responder às perguntas da revista *abehache* via correio eletrônico como tradutora de língua espanhola, Adriana fala de seu papel ao realizar a tradução como atividade cotidiana, das relações entre a teoria e a prática de tradução, das especificidades ao traduzir o par linguístico português/espanhol, dentre outras facetas da profissão, deixando transparecer nas entrelinhas o entusiasmo e o fascínio que os desafios da tradução lhe impõem diariamente.

O que significa para você ser tradutora da língua espanhola no Brasil?

Eu me sinto uma ponte, uma mediadora, entre duas «macroculturas» muito diversas e ricas, como são as culturas das comunidades hispanofalantes e as culturas do Brasil. O tradutor sempre está pensando em quem lerá sua tradução e sempre está construindo pontes para que a mensagem da língua de partida possa ser compreendida e assimilada pelo leitor. Para mim, tradução é, em primeiro lugar, (possibilidade de) comunicação.

¹ Doutora. UNESP/São José do Rio Preto. angelica@ibilce.unesp.br

Como é o seu cotidiano como tradutora?

Meu cotidiano como tradutora é de muito trabalho! Muitas vezes, tenho que trabalhar aos domingos e feriados também, pois, geralmente, o cliente tem muita pressa. Nós, tradutores, sempre lidamos com prazos muito curtos. É sempre um grande desafio produzir uma boa tradução nessas condições de trabalho, mas é um desafio que nos faz crescer continuamente. Traduzir é aprender todos os dias alguma coisa nova sobre as línguas com as que trabalhamos e sobre os assuntos dos textos que estamos traduzindo. Existe um ditado em espanhol que diz: “Nunca te acostarás sin saber algo más”. É isso o que nós vivenciamos na nossa profissão.

De que forma as teorias de tradução contribuem para a sua prática tradutória?

Acho que as teorias de tradução nos dão uma base importante de reflexão. Traduzir significa fazer muitas operações e ponderações e tomar muitas decisões em questão de segundos. Sem a prévia reflexão sobre determinadas questões, como a dos registros, a das variedades diatópicas, a da naturalidade, a da fidelidade, etc., o nosso trabalho, além de ser bem pobre, seria muito lento!

Ao longo de sua carreira, você acredita ter desenvolvido um método ou estratégias específicas de tradução?

Acho que o método tem se mantido desde que comecei a trabalhar com tradução, mas as estratégias vão melhorando. A gente aprende a pesquisar mais rapidamente e, com o acúmulo de experiências, muitas decisões são facilitadas, pois já nos deparamos com dilemas similares anteriormente. Acho que, no nosso trabalho, a experiência é muito, muito importante. Como disse certa vez Paulo Rónai, “a traduzir se aprende traduzindo”. Acho que a formação em tradução é muito importante para nos preparar para solucionar algumas questões (como as que mencionei acima), mas o ofício, bem como a enfrentar as condições do mercado de trabalho (que fazem parte dele), a gente aprende é na prática.

Você acha que a tradução do par linguístico espanhol/português possui especificidades/singularidades que a difere da tradução de outros idiomas? Quais são elas?

Com certeza, o par linguístico espanhol/português tem uma grande especificidade: as interferências entre as duas línguas ocorrem mais facilmente. Os tradutores que trabalham com esse par de línguas precisam exercer uma vigilância constante para não caírem em interferências. Nesse senti-

do, a formação universitária também é muito importante. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a presença do espanhol é grande por causa das fronteiras. Teoricamente, deveria ser fácil encontrar bons tradutores de espanhol. No entanto, isso parece dificultar as coisas muitas vezes, pois, por um lado, se temos muitas pessoas falantes nativas de espanhol e que moram há muitos anos aqui, são muito poucas as que têm consciência das suas interferências. Geralmente, essas pessoas cristalizam suas interferências e não conseguem se livrar delas, mesmo após estar cientes da sua existência. Então, produzem uma espécie de híbrido e, ao falarem em espanhol, mantêm as estruturas do português e só «trocam» as palavras por palavras do espanhol. Esse é um grande problema. As interferências mais comuns ocorrem no uso das preposições e também na tradução de unidades fraseológicas, mas também há interferências importantes no uso do gerúndio (diferente em espanhol e português), por exemplo. Também é frequente a “invenção” de neologismos. Como as línguas são muito parecidas, é comum transpor uma palavra de uma língua para a outra, mesmo que essa palavra não exista ou não se use com a mesma regularidade na língua de chegada.

Muitos percebem a proximidade entre as línguas portuguesa e espanhola como facilitadora da tradução entre elas. O que você pensa dessa proximidade?

Como expliquei na pergunta anterior, na minha opinião, é nessa proximidade que se esconde a maior cilada para a tradução entre as duas línguas. Como todo mundo acha que entende espanhol e português, acha que traduzir é muito fácil e cai em todas as armadilhas que mencionei acima.

Como você vê a tradução de legendagem da língua espanhola no Brasil atualmente?

Eu já vi bons trabalhos de legendagem do espanhol e já me deparei com péssimos trabalhos. Acho que é um mercado muito vasto, e eu não tenho condições de fazer uma avaliação global. Minha experiência com legendagem é a melhor possível. A produtora para a qual faço a maioria dos meus trabalhos de legendagem é muito séria e já tive ótimos *feedbacks* dos meus trabalhos que me ajudaram muito a melhorar.

Como você vê a formação universitária de tradutores?

Eu não tenho condições de avaliar o ensino universitário atual na área da tradução, pois me formei há muito tempo (e me formei no Uruguai). Faz alguns anos, porém, fiz uma especialização em Tradução pela Universidade Gama Filho que achei muito boa, pois o foco dessa formação era preparar o

aluno para o mercado de trabalho atual, no qual, muitas vezes, são requeridas ferramentas como memórias de tradução, programas de legendagem, etc. Espero que nos cursos de graduação também estejam sendo incorporadas essas práticas.

Você daria algum conselho para tradutores de espanhol que estejam em formação?

Em primeiro lugar, que duvidem de tudo e que não se deixem enganar pela suposta facilidade implicada pela proximidade entre as duas línguas. Em segundo lugar, que desenvolvam desde já o exercício constante da pesquisa. Pesquisa, quando se trata de línguas, envolve desde a leitura das obras clássicas da literatura até a leitura do jornal de hoje; desde a atenção na sala de aula até a conversa com os vizinhos. Sempre que esteja sendo falado o português ou o espanhol, eles devem ficar atentos, porque, certamente, em algum trabalho, vão usar essas palavras ou expressões que poderiam ter passado despercebidas e que, muitas vezes, não aparecem no dicionário. E, em terceiro lugar, que tenham paciência. Viver da tradução não é fácil, requer muita paciência. Ninguém nos contrata até termos certa experiência, e o mercado de trabalho é muito instável. Ao mesmo tempo, como já disse, os prazos são muito curtos e, se não estamos à disposição naquela hora em que o cliente liga, ele vai ter que ligar para outra pessoa, pois ele sempre tem pressa. Mas vale muito a pena esperar, pois nosso trabalho é maravilhoso!

Conte como é a sua experiência com a crítica realizada sobre seu trabalho como tradutora?

Uma das fontes de formação mais importantes, na minha opinião, é o diálogo com os clientes. Sempre recebi ótimos *feedbacks* dos lugares para os quais trabalho, sejam agências, editora ou produtora, e também dos meus clientes particulares, pois muitos são professores mestres e doutores e são bastante exigentes na hora de avaliar as versões ou traduções feitas (geralmente, eles têm algum conhecimento de espanhol). Cada cliente tem seus critérios e sua forma de organização, e a gente vai aprendendo com todos eles. Nesse sentido, quando o relacionamento com o cliente é bom, gera-se uma verdadeira parceria de trabalho que beneficia todas as partes.

Quanto às críticas, felizmente os clientes sempre têm ficado satisfeitos com meu trabalho, mas é claro que ele já foi revisado e, graças a essas revisões, tenho melhorado muito e espero continuar melhorando sempre, pois a gente nunca pode se sentir “seguro” em matéria de tradução. Isso é muito perigoso, pois, como sabemos, as línguas estão em constante mudança e, por isso, devemos nos atualizar todos os dias.